

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA

Era uma vez uma menina chamada Ruth Machado Lousada Rocha. Mais velha de cinco irmãos, teve uma infância comum como toda criança nascida nos anos 1930, no bairro de Vila Mariana, em São Paulo, onde a diversão era encontrada nas coisas mais simples da vida.

Sem a interferência da TV, internet, tablets e smartphones, que na época não passavam de sonhos distantes, ela descobriu ainda pequena o gosto pela leitura e pelas aventuras contadas por seu avô que, segundo ela, era um magnífico contador de histórias. “Sou de uma família onde se contava muitas histórias. Meu avô era um grande contador de histórias.”

Crescendo acompanhada das aventuras de Grimm, de Andersen, e do Barão de Münchhausen, Ruth tomou gosto pelas palavras quase sem perceber. Depois, sob a influência de sua mãe, teve contato com a obra de Monteiro Lobato e conheceu o mundo fantástico do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que abriu as portas para que ela encontrasse entre livros e gibis a formação “particular” em Letras.

O encontro com o que Ruth chama de “literatura séria” aconteceu na escola, justamente por meio de um livro que ela não leu. Desobedecen-

HÁ 40 ANOS, A ESCRITORA RUTH ROCHA DECIDIU CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS E TRANSFORMOU-SE NA COMPANHEIRA PERFEITA PARA APRENDER A GOSTAR DE LER

POR VANESSA GONÇALVES
SUBEDITORA DE PORTAL

POR ALANA RODRIGUES
DA EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS

do o professor de literatura, a futura escritora fez um trabalho sobre “A cidade e as serras”, de Eça de Queirós, sem completar a obra. Por sorte, ou talento nato, acabou tirando a maior nota da sala. Envergonhada, devorou a obra do escritor português e se apaixonou, tanto é que ainda hoje, vez ou outra, se rende a rever suas páginas.

MOÇA DOS LIVROS

Esse encontro com a chamada literatura séria levou a jovem Ruth a se inscrever na Biblioteca Municipal. Ao entrar naquele salão enorme, cheio de livros, pensou: “Gente, eu te-

nho que ler todos eles!”. “Comecei a ler na estante. Lia um, depois o outro, e outro, e outro. Eu lia a estante do Eça [de Queirós] todinha. Só depois vi que não era assim e comecei a procurar os autores pelas citações nos livros”, conta.

Entre as obras que marcaram sua trajetória e influenciaram seu futuro, Ruth Rocha destaca “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre. Por causa desse livro, decidiu cursar a faculdade de Sociologia e Política. “Na verdade sociologia não é o que eu mais gosto. Gosto muito de política. Fiz o curso, mas não era o que eu mais gostava”, revela.

Ao concluir a universidade, Ruth percebeu que era quase impossível arrumar emprego como socióloga, especialmente em tempos de



Foto: Alt Ribeiro



ditadura. Após fazer alguns trabalhos, entre eles uma pesquisa para a Standard Oil, na época da campanha “O Petróleo é nosso”. A ideia da companhia americana era explorar petróleo no Brasil. Porém, ao fim do estudo constatou que 90% dos entrevistados diziam: “O petróleo é nosso”. Com esse resultado, a empresa mudou de ideia e o governo aprovou a lei de criação da Petrobras.

Como não encontrava emprego na área de formação, Ruth Rocha foi trabalhar na biblioteca do tradicional Colégio Rio Branco. “Eu atendia o pessoal que ia tirar livros. Mas as crianças começaram a me cercar, pois eu tinha lido aqueles livros todos e sabia indicar aquilo que cada um tinha vontade de ler”, relembra.

O diretor da escola logo reparou nesse poder de atração de Ruth com as crianças e a convidou para ser orientadora educacional, onde ficou até “trombar” com o ex-orientando Carlos Alberto Fernandes, que dirigia a revista *Cláudia*, da Editora Abril, e a convidou para escrever sobre educação no veículo.

FLERTE COM O JORNALISMO

Durante três anos, Ruth escreveu artigos sobre educação na revista, exercitando a escrita, pela qual já era apaixonada, e falando de um tema que lhe era muito caro. O sucesso desses textos fez com que fosse convidada por Sônia Robatto para participar do projeto da revista *Recreio*.

“A ideia da revista *Recreio* era ter um conto e uma tirinha ao lado, que seria uma brincadeira. Mas ela queria que essa brincadeira fosse uma coisa educativa.” A então socióloga-educadora tinha acabado de aplicar no jardim da infância do Colégio Rio Branco uma tese sobre a educação durante a alfabetização, através de um artigo, que segundo ela, muito bem ilustrado, chamou a atenção de Sônia, que a convidou para ser coordenadora pedagógica da revista.

A partir daí, nascia aos poucos a escritora Ruth Rocha. De início, sua função era criar aque-

**"A REVISTA FEZ
UM ENORME
SUCESSO. NÓS
VENDÍAMOS
UM MILHÃO DE
EXEMPLARES
POR MÊS"**

las tirinhas educativas, que preparavam os pequenos leitores para a alfabetização, utilizando um método pouco conhecido, criado pela professora Ana Maria Popovic. A fórmula deu certo e garantiu o reconhecimento da publicação perante o público. “A revista fez um enorme sucesso. Nós vendíamos um milhão de exemplares por mês. Vendíamos 250 mil por semana. Era um sucesso”, lembra com orgulho.

Sônia, que já tinha descoberto os talentos de Ruth para criar aquelas brincadeiras educativas, queria explorar ainda mais as qualidades da amiga e passou a insistir para que ela também passasse a escrever contos para a publicação. A *Recreio* tinha lançado importantes escritores e a colega de redação poderia ser mais uma. Relutante, a orientadora pedagógica dizia que não sabia “escrever histórias”.

O DESPERTAR DAS PALAVRAS

Embora nunca tivesse colocado suas histórias no papel, Ruth Rocha já fazia sucesso entre as crianças, entre elas sua filha Mariana, ao inventar roteiros alternativos. “A minha filha queria histórias diferentes. Não era da ‘Gata Borralheira’ ou da ‘Chapeuzinho Vermelho’. Ela olhava e dizia: ‘eu quero a história dessa bola’. E eu me virava!”, relembra.

Sônia dizia que bastava a Ruth colocar no papel aquelas histórias como contava para a pequena Mariana. “Eu não queria. Mas numa ocasião fui à chácara da Sônia para nadar em sua piscina e ela me pegou na sala, botou um monte de papel e uma máquina de escrever na minha frente e disse: ‘Agora você vai escrever uma história’. E me trancou, literalmente, no lugar”, conta.

Sem escapatória (ou quase), ela resolveu contar uma história que vivia contado para sua filha, sobre uma borboleta azul e uma amarela, que não podiam ser amigas porque eram de cores diferentes. O conto foi publicado no número dez da revista e fez grande sucesso. “Aí abriu a tampa da



55



CRIATIVIDADE PREMIADA

Sem planejar, Ruth Rocha se transformou numa das principais autoras de obras infantis. Para a também escritora Eliana Sá, isso aconteceu porque ela é uma “escritora franca, aberta, alegre, cheia de vida, que trata o seu leitor com a sedução de uma boa história, convence-o sem chamá-lo de ‘pequeno’, mas justamente por raciocinar com a grandeza do pensamento de uma criança”.

Para a amiga e ex-cunhada Ana Maria Machado, outro grande nome da literatura infantil nacional, o diferencial de Ruth é fazer histórias sobre coisas comuns, dando vida a objetos e elementos que passam despercebidos por outros. Na opinião dela, a escritora acabou por fazer “a história da cultura”, pois “criou a história do barro, da terra, da água, do fogo e do ar”.

Esse jeito fácil e honesto de lidar com os leitores, que tem uma grande influência da formação em sociologia, contribuiu para que sua obra fosse amplamente premiada. Ao longo da carreira recebeu prêmios da Câmara Brasileira de Letras, da Fundação do Livro Infantil e Juvenil, da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo, da Academia Brasileira de Letras, da fundação Conrad Wessel, da ONU, além da Comenda da Ordem do Mérito Cultural. E não é pouco, ela acaba de ganhar o sétimo prêmio Jabuti com uma coletânea de poesias.

Os amigos são unânimes em destacar a importância de Ruth para a literatura nacional. “É uma escritora importantíssima pelo seu papel no estabelecimento de uma qualidade literária da literatura infantil brasileira. Com seu senso de humor, sua lucidez, sua respeitável bagagem cultural, seu espírito crítico, sua certeza de que se pode falar de tudo com crianças desde que se encontre a abordagem adequada, contribuiu enormemente para a consolidação do excelente nível de qualidade do gênero entre nós”, destaca Ana Maria Machado.

Para aquela menina que tinha como objetivo ler “todas” as obras das estantes da biblioteca circulante, o segredo de todas essas conquistas e infindáveis histórias se resume em duas coisas. “As conversas são as que mais dão assuntos [para novas histórias]. Conversas e livros”, garante.

Incansável contadora de histórias, Ruth Rocha garante que nem a tecnologia e os livros digitais serão capazes de “sepultar” a curiosidade das crianças por contos, fábulas e histórias. Ela acredita que há sempre espaço para boas e incríveis aventuras.

O fato é que com uma escritora como essa vale sempre a máxima: “Entrou por um lado, saiu pelo outro... Quem quiser, que conte outro!”. **I**